

A flexibilidade de Bolonha — uma proposta inovadora

24/6/2005
Exp. Univ

NO FINAL desta semana deverão ser conhecidas todas as respostas do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior às instituições que apresentaram propostas para Bolonha. Algumas instituições, provavelmente as que enviaram as propostas antes da data-limite de 31 de Março, já viram publicada em «Diário da República» a lista de cursos aprovados.

Quantos dos cursos, que necessariamente terão de entrar em funcionamento no formato de Bolonha até 2008/2009, oferecerão a flexibilidade formativa que o modelo de Bolonha preconiza?

O mais provável é que as propostas já apresentadas não ofereçam quaisquer novidades em termos de flexibilidade formativa. O mais provável é que os «novos» cursos sejam apenas a mera compactação das licenciaturas e que a designação de «unidade curricular», este novo conceito de Bolonha, fique esvaziada de conteúdo e não passe dum qualquer convencional disciplina.

Uma licenciatura para Bolonha, do meu ponto de vista, deveria ter um plano de estudos baseado na acumulação progressiva de créditos correspondentes a qualificações e níveis de formação diferenciados, que oferecesse caminhos flexíveis de aprendizagem e que promovesse a formação ao longo da vida.

Uma proposta de licenciatura

MANUELA VAZ VELHO *

para Bolonha poderia ir mais longe, creio, do que o previsto na legislação para a adequação/criação das licenciaturas. Deveria ser suficientemente flexível para permitir, dentro da mesma estrutura funcional, formar licenciados e promover a formação especializada e recorrente.

Eis o que eu considero uma proposta flexível: a possibilidade de, dentro da estrutura da licenciatura, poderem ser atribuídos certificados/diplomas, que não só o diploma final de licenciatura.

Esta licenciatura flexível seria facilitadora da entrada de alunos de outros níveis de ensino ou oriundos do mercado de trabalho para qualquer nível do curso, de acordo com as suas competências, sem ser necessária a criação de acções de formação específicas para o efeito.

Qualquer acção de formação, para ser rentável a quem a oferece, necessita de um número mínimo de participantes. Com esta proposta em funcionamento, não haverá necessidade de afectar recursos humanos e materiais extras, havendo também menos encargos na publicitação da oferta formativa, porque esta está continuamente disponibili-

zada. Penso que este modelo se ajusta ao tipo de empresas do país — micro, pequenas e médias empresas, que eventualmente tenham necessidade de formar um ou outro dos seus funcionários. A experiência revela-nos que, embora disponibilizemos várias acções de formação no âmbito das diversas competências da instituição, muitas acabam por não se realizar por não se ter atingido o número mínimo de candidatos que as viabilize do ponto de vista financeiro.

Estes alunos externos poderão frequentar ou só as unidades curriculares que lhes interessam, ou um/dois semestres lectivos. Nesta última situação, deveria haver a possibilidade de conferir diplomas técnicos nos diferentes níveis da licen-

ciatura, semelhantes aos dos Cursos de Especialização Tecnológica (CET). Esta formação funcionaria como se fosse um CET integrado na licenciatura. Naturalmente, teria que ser assegurado um estágio em colaboração com empresas/instituições.

Uma proposta de licenciatura deve ter ainda em consideração o insucesso escolar que potencia o abandono. Para os alunos de licenciatura que pretendam desistir, desanimados com as reprovações nas ciências básicas no primeiro ano, ou para aqueles que não conseguiram terminar os seus cursos no período previsto pelo futuro regime de prescrições, este modelo permitir-lhes-á abandonar a licenciatura, mas qualificados com certificados ou diplomas de técnico, consoante as unidades curriculares e respectivos créditos em que tenham sido aprovados.

Esta é uma proposta realista e flexível, dentro do verdadeiro espírito de Bolonha; é uma proposta de uma licenciatura em Engenharia Alimentar, que julgo poder ser facilmente implementada em diversas áreas do ensino superior politécnico.

*PROFESSORA COORDENADORA DA ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE VIANA DO CASTELO

*O mais provável
é que os
«novos» cursos
sejam apenas
a mera
compactação
das
licenciaturas*